Coisas do Coração
1ª Edição
2014

Coordenação Editorial

Carlos Lucchesi
lucchesicarlos@aol.com
(www.coisasdocoracao.com.br)

Copyright – 2014

Todos os direitos reservados.
A produção não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 9.610).

Triste sina do amor de apenas semear, sem que lhe tenha sido dado o mesmo direito de também se apaixonar; de só poder sentir o sabor da própria semente que semeia, nos sorrisos das faces alheias. Como pode não ter sentimento, aquilo que já nasceu sendo?

Sumário

Contos & Crônicas

Apresentação.....7
A menina poeta 9
Todinho.....11
Quanto custa a sua felicidade?.....18
Crônica de um desencontro.....20
Marcas de um beijo.....23
Devanir, o bobo.....25
Fidelidade eterna, em noite de chuva passageira 28
Sobreviveu à própria morte.....31
A casa das seis meninas 34
O homem que inventou o buraco 40
Chamas de um amor.....43
Querida tia Chiquinha 47
Um exemplo de vida 51
Vinte anos depois. 54
Dia de mulher. 59
Virtual por acaso 62
Morangos de todo dia.....64
Quando três é demais 66
Sementes do amor 71
Das vantagens de ser prático.....73
Um mestre e seus últimos discípulos 74
Sabonete yá yá 77

Uma promoção irresistível....79
Pô cara; legal! 81
Conversando com as flores....83
Será? 85
Eu só queria 87
Felicidade através da janela....90
Por um amor que nunca viu....92
E daí?....95
Saga das formigas....98
Os meninos de dona Lourdes 99
Juntando pedrinhas 102

Poesias

Magia de sentir 104
Reinventar o amor 106
Meu único traço....107
Deus por um dia....108
Amor de muitas vidas....110
Um coração por sobre o peito....112
O começo de um beijo....114
Esse tal de encanto....115
O amor valeu 118
Como água e vinho....120
A Musa de um poeta....121
O maior dos meus erros....123
Cama e amor....125
Sua última opção 127
Lista de uma musa....129
Olhos meus 130
Aquele cálice ainda vazio, transbordando de vinho 132

Duelo fatal 134
Flecha atirada 136
Jogos de amor 137
Ser criança 139
Desculpe, foi engano! 140
Eclipse do amor 142
Menina 144
Coisa rara 146
Comentários 148

Apresentação

Sou Carlos Lucchesi. Confesso a minha preferência por escrever sobre sentimentos; o caminho mais reto para alcançar a essência do ser humano.

Concordo com o escritor Meritiense Moacyr de Carvalho, quando diz que não seria muito sensato pedir a um cego de nascença para dissertar sobre o esplendor da luz do sol, pois a sua retina jamais teria experimentado tal experiência. Com certeza, ele o faria com mais vigor, de forma mais convincente e passaria verdade maior, se lhe fosse pedido falar da escuridão.

Assim deve ser um escritor. Seus textos serão mais verossímeis; poderá tirar do leitor uma lágrima ou um sorriso, colocar nas palavras toda força das emoções desejadas, se for capaz de escrever também o que tiver vivido; do seu êxtase ao precipício e sobreviver a ambos.

Eis como escrevo este livro; buscando os caminhos de tais limites.

Convido o leitor para esta viagem, neste universo mágico dos contos e da poesia, que um dia encontrei e de onde jamais retornei.

Carlos Lucchesi.

*Referência: “O Instante Perdido”, Moacyr de Carvalho – 1981.

A MENINA POETA

Algumas vezes seu sorriso era triste, contido, quase despercebido.

Havia algo mais por trás daqueles seus olhos castanhos arredondados; quase mel na cor e no provável do seu inquestionável sabor.

Os cabelos, agora longos, repousavam feito ondas em movimentos leves sobre os ombros.

Era uma linda menina em corpo de mulher.

Impossível não notar aqueles seus lábios inquietadores.

Sim, como jamais ninguém havia visto antes: cheios, intensos mais do que o maior sonho dos mais sonhadores dos poetas. Mais brilhante do que a luz do meio-dia refletida em espelho.

Havia no som da sua voz maior leveza, do que o passeio pelo ar das folhas no outono e o dourado do sol na cor inebriante da sua pele, fazia crer no inacreditável ao mais intransigente dos incrédulos.

Não bastasse tudo isso, era ainda poeta. Nascera poeta; sonhadora, e sonho do mais imortal dos imortais.

De fato, havia nela mais do que o necessário, e era necessário que houvesse.

A natureza encontrara nela um repouso mais sereno que ela própria, mais suave do que o toque na face da nuvem de água, de uma cachoeira em queda.

Como não podia deixar de ser; cresceu e floresceu tal como as rosas.

A cada novo ano era mais uma pétala que brilhava o sol; pois até mesmo este se rendeu a ela, como me rendi, e como todos se renderam.

Não havia o que questionar. Ela ocupara um lugar de onde poucos conseguiram sequer se aproximar. Talvez doado pelos deuses, ou por inteira cumplicidade da natureza, que reservou apenas para ela a maior sensibilidade, e todas as formas da sua própria beleza.

Daquelas suas mãos nasceram contos e poesias, daqueles seus caminhos, escritos agora em linhas retas por aquela que se tornaria conhecida como A Menina Poeta.

TODINHO

Todinho era uma criança especial. Especial em todos os sentidos. Sempre muito calado, cabeça baixa e de pouca conversa, mas parecia ter o carinho de todos. Quando ele chegava com sua bermuda na altura dos joelhos, a garotada logo se apressava para escolher os jogadores de cada time.

Valmir sempre decidia tudo, e não era pra menos, como craque da rua e do bairro tinha sempre o respeito de todos. Suas pernas tortas desorientavam os marcadores, que ficavam sem saber em qual direção ele ia partir com a bola.

O certo era que, time em que Valmir jogava Todinho ficava do outro lado. Diziam os garotos que se não se podia ter quem fizesse os gols, ao menos teriam quem os evitasse.

Com a bola nos pés Todinho não sabia o que fazer. Até que tentou, mas nunca conseguiu grande coisa. Era uma presa fácil para os jogadores dos outros times. Mas quando o colocaram no gol, como última opção; virou a pedra no sapato de Valmir, e seus dias de artilheiro pareciam ter chegado ao fim.

Todinho simplesmente segurava tudo com uma facilidade que impressionava a todos.

Certa vez perguntei aos outros meninos a razão do seu apelido. Diziam que era devido a sua

semelhança física com um menino da propaganda do achocolatado de marca bem conhecida, naquela ocasião.

Como Todinho não ligou; o apelido pegou.

Tinha lá pelos seus 12 anos de idade e nunca lhe vi acompanhado de nenhum outro amigo, o que seria normal nos garotos nesta idade. Estava sempre sozinho, e talvez tivesse escolhido agarrar no gol pra não ter mesmo que falar com mais ninguém.

O fato é que aquele menino voava como um pássaro. Valmir já tinha virado motivo de chacotas e piadas no grupo por não conseguir marcar gols nas traves de Todinho.

Um dia, Valmir decidiu que isso iria mudar. Quando entrou em campo naquele dia, estava sério e parecia ter uma idéia fixa na cabeça. Olhava pra Todinho de lado, como se lhe enviasse algum recado.

Não deu outra!

Mal começou o jogo, Valmir pegou a bola e saiu driblando todo mundo. Com suas pernas tortas ninguém sabia pra que lado marcar. Se fossem pra esquerda, Valmir saia pela direita, e se ficassem, era bola pelo meio das pernas na certa. Não tinha quem lhe fizesse parar. Ele corria com toques sobre a bola que ia rolando a sua frente, como se fosse

cúmplice dele. Até que finalmente ficou cara a cara com o gol defendido por Todinho.

Parou ali na certeza da facilidade e do êxito do seu chute. Eram apenas quatro metros e não tinha como errar. Todinho estava lá parado no centro do gol, impassível sem mexer um só dedo sequer, mas seus olhos...

Nunca tinha visto coisa igual. Os olhos verdes de Todinho estavam fixados nos olhos de Valmir, como se esperasse sair dali a direção que a bola finalmente tomaria.

Valmir deu um sorriso debochado, ameaçou chutar num canto, deu uma paradinha no meio do caminho e chutou no outro. Quando a bola partiu, Todinho, do outro lado partiu na mesma direção da bola. Tinha endereço certo no canto esquerdo da trave, e tudo indicava que Todinho chegaria atrasado sem que nada pudesse fazer.

Como um pássaro em vôo diagonal livre; Todinho foi ao encontro da bola. Pernas estiradas, braços esticados, dedos apontados firmemente na direção do canto. Foram segundos que duraram uma eternidade.

Quando ele caiu ao chão, fez-se um enorme silêncio. Valmir já comemorava com os braços levantados pra torcida, mas Todinho rolou várias vezes sobre o próprio corpo e por pura mágica

levantou do outro lado com a bola entre seus braços, batendo a poeira do seu corpo.

Jamais esqueci aquele momento. Pegaram ele no colo, jogaram para o alto. Era agora o mascote e o preferido da torcida.

Valmir também me impressionou. Pensei que fosse ficar irado e saísse sem nada dizer. Em vez disso, caminhou na direção de Todinho, o cumprimentou e lhe deu um forte abraço. Daquele dia em diante só jogava se tivesse do seu lado as mãos mágicas daquele menino.

Um dia senti a sua falta nas nossas brincadeiras do futebol e procurei saber o que tinha acontecido. "Ta descansando", diziam todos. Achei que havia algo mais do que isso, pois ele nunca mais aparecia.

Até que sua mãe, vendo a minha aflição, contou-me o acontecido:

Havia sérias suspeitas de que Todinho estava com "Paralisia Infantil". Caso isso fosse confirmado, jamais tornaria aquele gramado, ou qualquer outro, e provavelmente jamais fosse visto caminhando pelas ruas novamente.

Chorei muito naquele dia, como nunca tinha feito antes. Eu adorava aquele moleque e não podia acreditar que isso estivesse acontecendo com ele.